

soais, coisas esquecidas ou recalçadas e que podem, portanto, ser explicadas completamente por uma anamnésia individual; b) — fantasias (inclusive sonhos) de caráter impessoal, que não se deixam reduzir a experiências do passado do indivíduo e, portanto, não podem ser explicadas como alguma coisa de individual. A isto o afamado psiquiatra chama o "inconciente coletivo". É o que acaba de ser dito não só diz respeito àquelas modalidades de expressão acima mencionadas como também a toda produção poética.

O excelente livro que Jung e Kerényi escreveram de parceria não se limita, evidentemente, a dar uma introdução geral à mitologia. Trata, igualmente, de dois mitos fundamentais: o mito da criança divina e o de Kore, símbolo feminino. Quantas sugestões de uma atualidade tremenda!

Em suma, pode-se dizer que é uma obra dessas que jamais envelhecem e que será sempre lida com gosto e proveito.

JOHANNES HECHT

FRIEDEL (Egon). — *Das Altertum war nicht antik*. Georg Prachner Verlag. Viena. 1950. 182 pp.

Friedell é um esgrimista de estilo. Cintilante, envolvente e, por isso mesmo, perigoso. Suas conclusões sempre engenhosas, nem sempre são verdadeiras, nem sempre correspondem à realidade profunda das coisas. Por exemplo: num belo jogo de palavras Friedell nega, ou melhor exclui o classicismo do panorama da vida. Não existe para ele a arte clássica, muito menos a possibilidade de um padrão clássico de vida. Há forçosamente nisso um paradoxo. Não só existiu a arte grega, clássica no seu objetivo de equilíbrio de forças, como também o Cristianismo é um exemplo de classicismo, na medida em que exige um perfeito equilíbrio de forças para a vida. Cada cristão há de ser um perfeito exemplo de medida, tanto na vida física como na vida moral. O primeiro dever do cristão é zelar pela conservação do corpo, tanto quanto vigiar a unidade de suas forças morais. A vida é em última essência clássica. Porque exige um equilíbrio de forças para obtenção de um equilíbrio perfeito. Essa é a realidade em sua última essência. Se é ou não praticada pelos indivíduos, se foi ou não praticada pelas civilizações, se as culturas corresponderam ou não ao ideal clássico, é um outro capítulo e aí não há mãos a medir.

Prevalece contudo, uma utilidade, uma grande utilidade na leitura de Friedell: ele põe diante de nossos olhos, de um modo surpreendente, certas realidades profundamente simbólicas, que nos compêndios e obras gerais nos passam despercebidos. E só isso paga a pena de lê-lo.

PEDRO DE ALMEIDA MOURA

FRIEDEL (Egon). — *Kulturgeschichte Griechenlands*. Phaidon Verlag. Zurique. 1949. 339 pp.

De acordo com o próprio autor a doença incurável do homem é a sua tendência de fazer crítica, a imperiosa necessidade de interpretar, de idealizar ou deformar não só os acontecimentos do passado e os fatos do presente, como ainda as promessas do futuro. Ora, a obra de Friedell é uma das conseqüências dessa incurável moléstia. Sendo a história uma "constante reinterpretação do passado" aqui temos uma reinterpretação do passado helênico.

Concordando ou discordando dos pontos de vista de Friedell, temos que reconhecer o seu talento e admirar com que extraordinária perícia sabe escolher os ângulos de onde focalizar a paisagem cultural da Grécia segundo a

perspectiva desejada. E verdade é, que sob o mágico poder expressivo de uma linguagem nitzscheana ressurgem para nós, em poucos mas nítidos contornos o berço luminoso de nossa civilização. Renasce, em toda sua fascinante poligromia, a força criadora do gênio grego, aquele extremo individualismo que tornou possível a mais fantástica e a mais vertiginosa evolução cultural de todos os tempos. Revivemos o "milagre grego".

Traço dominante do livro é a ironia sutil do "esprit", o brilho da forma, a sobrepujar em toda linha a "Gruendlichkeit", a preocupação perene de profundidade de conteúdo. Daí a graça e a elegância do estilo, a concisão aforística dos breves capítulos, o fino senso de humor das observações. Mas daí também uma certa superficialidade do todo empanando a visão profunda que se descortina das pequenas e singelas frases perdidas em meio de cintilantes parágrafos.

Friedell não nos deu um livro de fôlego para obra de consulta. Deu-nos, entretanto, para uma leitura sugestiva e repousante, as considerações filosóficas e artísticas, as reminiscências poéticas, enfim, as interessantíssimas impressões de viagem de um europeu do século XX em visita aos domínios culturais e históricos da Grécia antiga.

"À medida que mergulhamos no passado, descobrimos novas possibilidades do nosso 'eu', alargamos os limites da nossa compreensão fazendo novas e bem que subjetivas experiências. Nisso reside o valor e a finalidade da pesquisa e da indagação histórica." Aí está, pelo próprio Friedell, a razão de ser de sua obra.

SYLVIA BARBOZA FERRAZ DIRICKSON

NAIA (Alexandre Gaspar da). — **D. João II e Cristóbal Colón, fatores complementares na consecução de um mesmo objetivo.** Lisboa, 1951, brochura de 124 páginas.

Depois das exaustivas e escrupulosas pesquisas realizadas por Henry Harris(1) e Henry Vignaud(2) sobre a origem de Colombo, a data e local do seu nascimento, a sua concepção geográfica e as suas viagens ao Novo Mundo, era de esperar o desaparecimento da mania de dizer que o "Almirante do Mar Oceano" não nasceu em Gênova, não era italiano, mormente em Portugal onde o professor Duarte Leite(3) com invejável argumentação pulverizou os pretensos fundamentos com que três historiadores(4) pretendiam sustentar ser Colombo um autêntico filho da gloriosa Lusitânia. No entanto isso não aconteceu porque o Autor da monografia que ora apreciamos, pretende provar que o verdadeiro descobridor da América era português.

Todos nós sabemos que Cristóvão Colombo tinha na Espanha o nome de Cristóbal Colón. Pois para o Autor, Cristóvão Colombo, filho de Domênico Colombo e Suzana Fontanarossa, nascido em Gênova entre 26 de agosto e 31 de outubro de 1491, é um personagem sem relevo, um mero tecelão, que nada tem que ver com Cristóbal Colón, infante de Portugal que em 1492 redescobriu o Novo Mundo, pois que anteriormente a essa data, em companhia do cosmógrafo mestre José Vizinho, visitou terras da América.

Diz o Autor que uma neta de João Gonçalves Zarco, capitão donatário do Funchal, teve relações amorosas com o infante D. Fernando, filho do rei D. Duarte e irmão do rei D. Afonso V, de que resultou ficar grávida. Os

- (1). — "Christophe Colomb, son origine, sa vie, ses voyages, sa famille et ses descendants". Paris, 1884.
- (2). — "Études critiques sur la vie de Colomb avant ses découvertes". Paris, 1905.
- (3). — "Coisas de várias histórias". Lisboa, 1941.
- (4). — Patrocínio Ribeiro em 1921, G. L. Santos Ferreira em 1927 e Manuel Pestana Junior em 1928.